

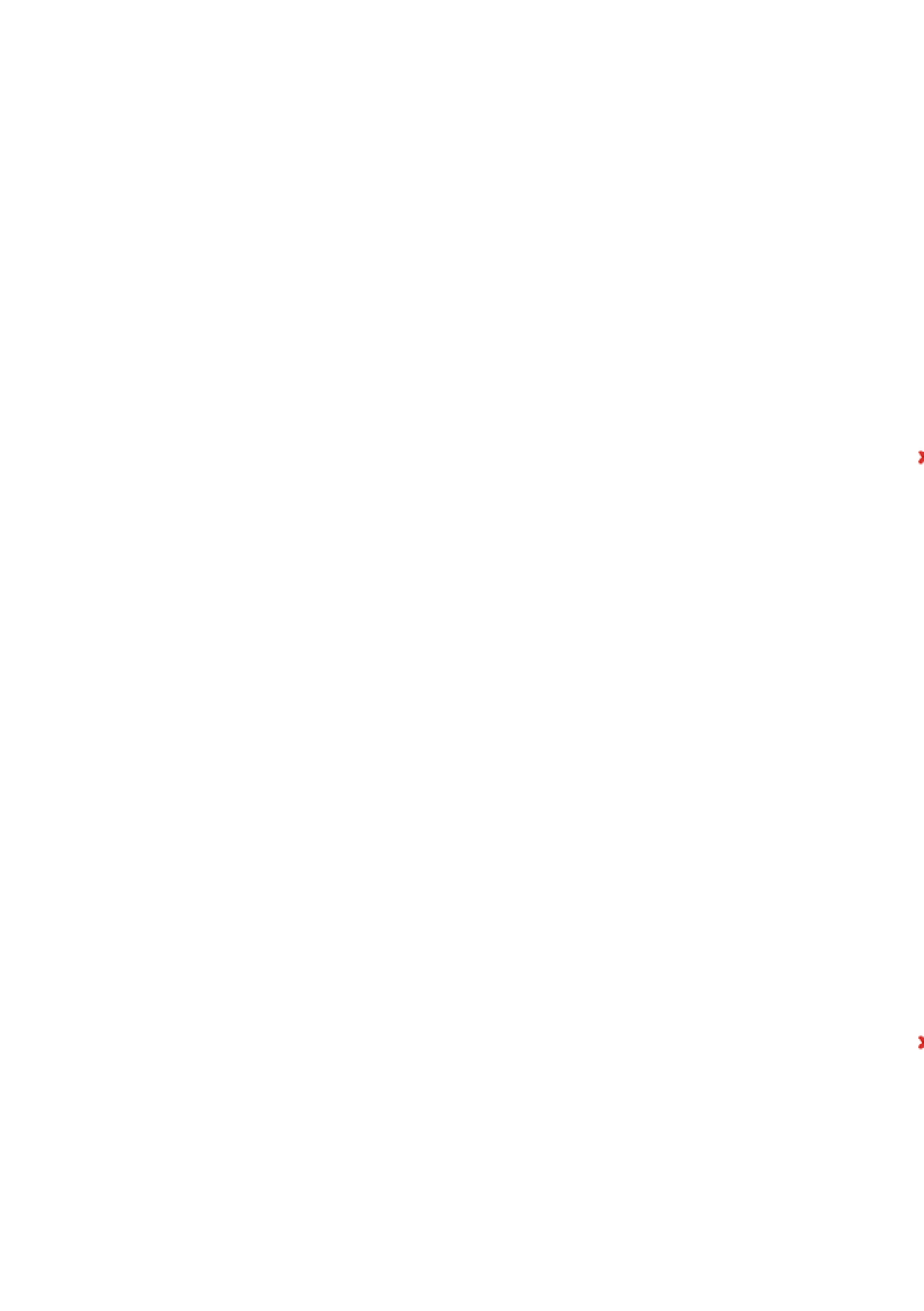
# **Toda Solidariedade Ao Povo Palestino!**

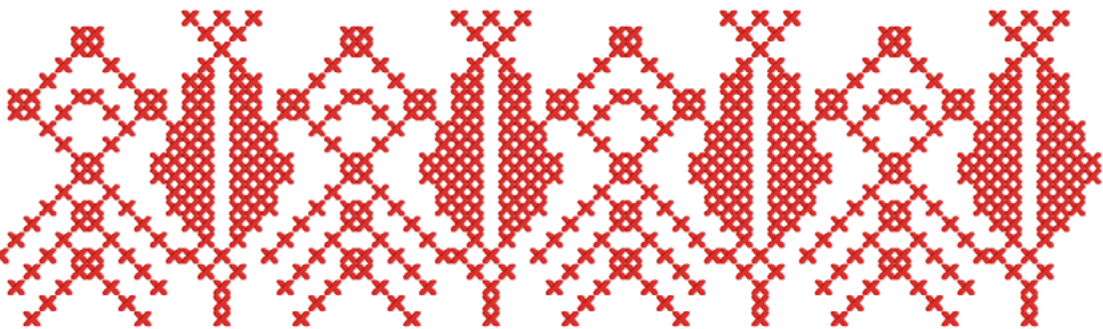


**Pelo fim  
do genocídio  
e do envio do  
nosso petróleo  
para Israel**

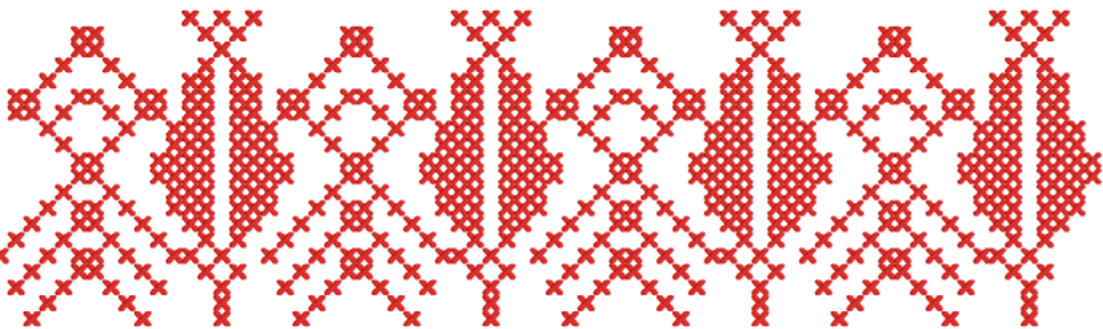


**Sindipetro RJ FNP**





**VIVA GAZA**  
**GAZA VIVA**



**Sindipetro RJ FNP**



## **EXPEDIENTE**

**IDEALIZAÇÃO:**  
Sindipetro RJ

**ORGANIZAÇÃO E  
PLANEJAMENTO:**  
Comunicação  
Sindipetro RJ

**TEXTO:**  
Kênia Rosa Cardoso e  
Leandro Lanfredi de Andrade

**COLABORAÇÃO:**  
Soraya Misleh

**PROJETO GRÁFICO:**  
Adriana Gulias

**ILUSTRAÇÕES PÁGS 7, 9 E 11:**  
Daniel Lafayette  
**PÁG. 3:** Tirazain

**TIRAGEM:**  
500

**IMPRESSÃO:**  
3 Graf

Rio de Janeiro, setembro de 2025.



## ÍNDICE

1. Apresentação .....pág. 6
2. O genocídio em Gaza.....pág. 7
3. 1948: A história que não contaram sobre a criação de Israel e a catástrofe do povo palestino (Nakba).....pág. 8
4. O Brasil precisa parar de abastecer o genocídio.....pág. 10
5. Cercar a Palestina de solidariedade: o papel da classe trabalhadora.....pág. 13

# NENHUMA GOTA A MAIS DE PETRÓLEO PARA O GENOCÍDIO



● **Petróleo  
TEM QUE SER  
NOSSO!**





## 1. APRESENTAÇÃO

Em meio a um dos genocídios mais brutais da história recente, esta cartilha tem como objetivo ser mais uma contribuição sobre a questão Palestina.

Nela falamos rapidamente sobre a Nakba, o que é o sionismo e contextualizamos a luta palestina contra um projeto colonial de décadas.

Acreditamos que isso contribui para a desconstrução da narrativa sobre a criação de Israel, edificado sobre mitos, limpeza étnica e alinhamento com os imperialismos.

Pretendemos ainda que essa contribuição seja mais um instrumento de denúncia sobre a participação do Brasil no genocídio, demonstrando como o fornecimento de petróleo alimenta a máquina de guerra israelense.

Mas acima de tudo, este material é um chamado à ação. Desejamos, ao falar sobre o tema e detalhar algumas iniciativas globais de solidariedade, que o leitor se sinta ainda mais inspirado a se tornar parte da solidariedade à luta palestina.

É necessário que entendamos que o genocídio em Gaza não é um evento isolado, mas sim a continuação de uma história de opressão que exige uma resposta humana e política à altura, resposta essa que tem sido dada e só pode ser possível partindo da classe trabalhadora mundial.



## 2. O genocídio em Gaza

### Em Gaza, um holocausto acontece agora.

São mais de 700 dias do novo e mais brutal projeto genocida de Israel em Gaza. Além dos bombardeios, nesta fase da contínua Nakba (catástrofe) executada pelo Estado de Israel a fome é uma arma de guerra para exterminar o povo palestino.

É um genocídio contra o povo palestino. É uma guerra à infância, à memória e à vida neste planeta.

Crianças e adultos morrem de desnutrição em cenas que lembram campos de concentração. Milhares de caminhões com ajuda humanitária são bloqueados deliberadamente, além das duas mais recentes flotilhas que não chegaram a Gaza por terem sido sequestradas por Israel de maneira absolutamente contrária às próprias leis internacionais.

Povos do mundo todo assistem traumatizados a este holocausto televisionado, e ainda que as ações de solidariedade tenham sido e continuem muitas, poucas conseguem alcançar Gaza.

E sabemos que o que está acontecendo é para além de Gaza. Na Cisjordânia, por exemplo, Israel continua seu projeto de limpeza étnica, destruindo campos de refugiados, construindo novas colônias, assassinando e prendendo milhares de palestinos de todas as idades.

É difícil entender todo esse horror sem uma breve introdução sobre o que é o Estado de Israel e por que ninguém detém Netanyahu, o melhor afilhado dos EUA.

De acordo com os números mais recentes do Ministério da Saúde de Gaza<sup>1</sup>, Israel matou, até o fechamento desta cartilha, cerca de 65 mil pessoas desde o começo da ofensiva, e feriu mais de 161 mil. Já a revista médica The Lancet, entre outras fontes, afirmou que o número real de mortos nos primeiros nove meses pode ter sido 40% maior do que o divulgado.

O relatório divulgado em 22/08/2025 do Integrated Food Security Phase Classification (IPC) 2, sistema apoiado pela ONU que monitora a fome em diferentes regiões do mundo, apontou que mais de meio milhão de pessoas na Faixa de Gaza vivem atualmente sob condições catastróficas, num cenário de fome generalizada, miséria e morte. Cerca de 30% da população já se encontra neste nível máximo de desumanização, enquanto outros 50% estão à beira deste colapso. Em simples tradução: Israel está matando a população sobrevivente em Gaza de fome, doenças, superlotação e todo tipo de precariedade humana como as vistas em campos de concentração nazistas. Mas mesmo assim o povo palestino segue lutando!

**SE VOCÊ NÃO TEVE SEU  
CORAÇÃO PARTIDO PELO  
QUE ESTÁ ACONTECENDO  
EM GAZA, ENTÃO VOCÊ  
NÃO TEM CORAÇÃO.**



gaza



### **3. 1948: A história que não contaram sobre a criação de Israel e a catástrofe do povo palestino (Nakba).**

#### **O que está por trás da criação do Estado de Israel em 1948?**

Nas escolas mundo afora é ensinado que Israel nasceu da necessidade de judeus fugindo do antissemitismo do mundo todo, em especial do nazismo, e que a Palestina seria para eles uma saída justa para essa tragédia. Que os judeus são um povo sem terra e que a Palestina era uma terra sem povo.

Mas a verdade é outra.

A criação de Israel foi um projeto colonial executado e planejado primeiro na Grã-Bretanha, com vários objetivos, dentre eles garantir um aliado dos imperialismos ocidentais na região e expulsar o povo palestino de sua terra. A Palestina nunca foi uma terra sem povo. E os judeus tampouco são um povo sem terra - ainda que vissem e vivam espalhados no mundo todo, há provas de sua integração a muitas sociedades e países.

#### **Um breve contexto histórico**

Enquanto para Israel o ano de 1948 é a independência, para os palestinos é a Nakba, a Catástrofe.

Alguns fatos:

A Partilha da ONU: Em 1947, a ONU deu 56% da Palestina para uma minoria de colonos sionistas que possuíam menos de 6% da terra. A vontade da maioria nativa, palestina, foi ignorada.

O Plano Dallet: Em março de 1948, foi executado o “Plano Dallet”, um plano militar elaborado pelas lideranças sionistas ainda nos anos 1940 que seria levado a cabo pelas suas organizações paramilitares, entre as quais a Haganah, a principal delas à época e precursora das Forças de Ocupação de Israel (IDF). Tratou-se de um manual militar com ordens claras para destruir aldeias palestinas, incendiar casas, plantar minas e expulsar a população para fora das fronteiras. Ou seja, um plano de limpeza étnica.

Com esses dois exemplos, temos uma pequena noção de que a criação de Israel não foi resultado de um ato de justiça pós-Holocausto ou uma conquista fruto de uma luta por libertação do povo judeu. Ainda pior: de acordo com os documentos levantados pelo escritor judeu Ralph Schoenman, houve colaboração entre o movimento sionista e o regime nazista, ou seja, o sionismo se aproveitou da perseguição aos judeus na Europa para promover seus objetivos políticos na Palestina.

## Mas o que é então o sionismo?

O sionismo nasceu na Europa do final do século XIX como um movimento político nacionalista e colonialista, tendo crescido depois no auge do imperialismo europeu, adotando a mentalidade e as práticas dos colonizadores europeus. O Estado de Israel é a sua maior criação, resultado de um plano colonial detalhado, planejado e violentíssimo, que criou um Estado judeu com o mínimo de árabes possível, ou seja, deslocando a população árabe nativa da Palestina e criando um Estado com uma maioria judaica. Um estado colonial, de um colonialismo de povoamento, como o que aconteceu nas Américas com extermínio de povos indígenas.

A história do Estado de Israel é edificada sobre mitos fabricados pelo sionismo. Israel não é o pequeno Davi contra o gigante Golias árabe. Trata-se de um estado militarizado, fundado na ideia de supremacia racial, com investimento fundamental de vários imperialismos para a sua criação e sustento até os dias de hoje.

A recomendação de partilha da Palestina pela ONU em 1947 deu sinal verde para que os planos sionistas de limpeza étnica foram levados a cabo. O resultado foi a criação do Estado de Israel em 1948 sobre os corpos palestinos e os escombros das aldeias. Em menos de um ano a limpeza étnica deixou um rastro de destruição. Vejamos os números da Nakba:

- 531 aldeias palestinas foram completamente destruídas e apagadas do mapa;
- 800.000 palestinos foram expulsos de suas casas, tornando-se refugiados. Isso representava mais da metade de toda a população árabe da Palestina na época;
- 78% do território histórico da Palestina foi ocupado por Israel ainda em 1948. O plano da ONU, já absolutamente inaceitável, previa cerca de 56%.

Hoje existem mais de 7 milhões de refugiados palestinos no mundo. Onde havia vida, plantações e cultura palestina, hoje existem parques e cidades israelenses construídos sobre escombros. Tudo isso fruto de um projeto colonialista com o objetivo de apagar a vida e a paisagem palestina.

O genocídio que vemos hoje em Gaza não começou em 2023. É a continuação da Nakba que começou em 1948.

**ISRAEL MATA, EM MÉDIA,  
28 CRIANÇAS POR DIA.**



**SEGUNDO O HAMAS?! NÃO.  
SEGUNDO A UNICEF.**

afa

## DOMÍNIO DE ISRAEL



### 4. O Brasil precisa parar de abastecer o genocídio.

A engrenagem de um genocídio não se move apenas com armas e financiamento - que são, claro, fundamentais e fornecidos pelos imperialismos como os dos EUA e os europeus. Para que tanques e caças operem, é necessário combustível - e nesse cenário o Brasil tem cumprido um papel nefasto ao fornecer petróleo para o Estado genocida de Israel.

Um relatório recente da ONU, intitulado “Da economia de ocupação à economia de genocídio”, expôs uma realidade que os movimentos sociais já estavam investigando e denunciando: que entre 2023 e os primeiros meses de 2024, o Brasil se consolidou como o quarto maior exportador para Israel, sendo responsável por aproximadamente 9% do petróleo consumido pelo estado genocida. Dados da Agência Nacional do Petróleo (ANP) reforçam essa tendência, revelando que, em meio ao genocídio, a exportação de petróleo brasileiro para Israel cresceu 51% em 2024, em comparação com 2023.

Em 2024, de acordo com dados divulgados pelo próprio governo, consta a exportação de 2,7 milhões de barris de petróleo bruto para Israel, o que significa que sob o governo Lula aumentou 51% a exportação de petróleo para Israel. A entrega de petróleo em 2023 incluiu produto da Petrobrás e operado em terminais e navios da Transpetro. Como foi o caso do Copper Spirit em São Sebastião e do navio Garrincha no Terminal Aquaviário da Baía de Guanabara. Em 2024 as exportações foram feitas por outras empresas que não a Petrobrás, ilustrando a crescente privatização de nossos recursos.

**Veja aqui a carta da FNP para o Governo brasileiro solicitando o fim do envio do Petróleo Brasileiro para Israel:**



## O ano de 2025 e as rotas indiretas do petróleo brasileiro que segue chegando para abastecer o genocídio

Em 2025 Israel tem tido a sua capacidade de refino comprometida. Isso acontece tanto por problemas de manutenção em uma de suas refinarias (Ashdod) quanto por danos causados em outra refinaria (Haifa) pela resposta legítima do Irã às agressões sofridas. Com isso, Israel passou a diminuir drasticamente a compra de petróleo cru e a aumentar a importação de derivados já refinados. E a principal fonte de derivados para Israel tem sido a Itália, chegando a quase 60% de todas as importações de Israel em agosto de 2025. E este país que tem aumentado sua importância e dependência de petróleo brasileiro que refina para entregar à entidade sionista, com a principal refinaria ligada a entregar derivados a Israel, a Saras na Sardenha refinando todo mês mais de 10% de petróleo brasileiro, que em junho foi vendido pela Petrobras (33%) e Equinor (67%), em julho pela Shell e em agosto pela PRIO.

Ou seja, o petróleo brasileiro segue chegando a Israel - não mais de forma direta como em 2023 e 2024, mas agora através desse refino via Itália.

### Onde está a responsabilidade social se seu produto abastece um genocídio?

As empresas falam muito em ESG. O ESG (Environmental, Social and Governance), ou ASG (Ambiental, Social e Governança), é um medidor de “sustentabilidade social e impactos ambientais” e tem como um dos pilares a ideia de que as empresas são responsáveis por suas mercadorias até o descarte. Cabe-nos perguntar sobre o ESG à Petrobrás e demais petrolíferas instaladas no Brasil: como explicar que parte da sua mercadoria serve a um genocídio?

### É preciso mais do que palavras do governo Lula, precisamos que o Brasil rompa relações comerciais, diplomáticas e militares

O Brasil, presidido por Lula, declara que o que acontece na Palestina é um genocídio. O Brasil demonstra que fará parte de uma acusação judicial internacional a Israel, porém ao mesmo tempo que fala tudo isso tem aumentado o comércio com esse Estado genocida. As importações, muitas vezes de mercadorias e tecnologias testadas nos corpos palestinos, vem aumentando ano a ano. Em 2015, considerando os 7 primeiros meses, o resultado já é 14% maior que em 2024. Mais comércio significa maior apoio material, maior cumplicidade com o genocídio. Queremos o fim da exportação do petróleo mas também a exportação e importação de outras mercadorias e serviços. Queremos o fim de todas relações!



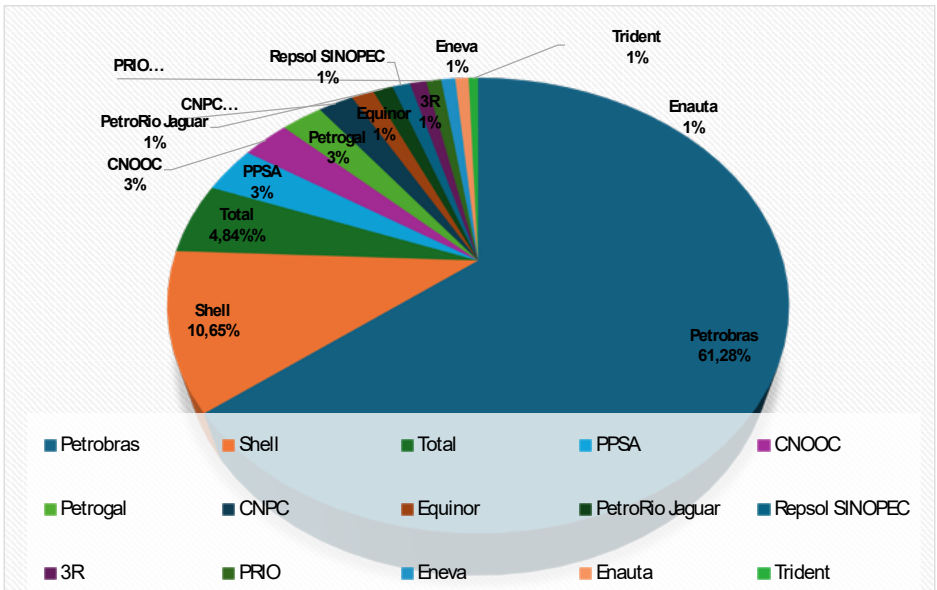


## O petróleo ainda é nosso?

Muitos dos maiores campos do pré-sal e do pós-sal não são operados 100% pela Petrobrás. Eles funcionam em regime de consórcio, com a participação de grandes multinacionais como Shell (anglo-holandesa), Equinor (Noruega), Total (França) e empresas chinesas. Cada empresa no consórcio tem direito a uma porcentagem do petróleo extraído, proporcional à sua participação no campo. Essa cota é chamada de “equity oil”. A Shell, a Equinor, a Total são gigantes globais com suas próprias redes de logística, clientes e refinarias. Elas podem pegar a sua cota do petróleo brasileiro e, através de suas próprias operações comerciais, vendê-la e entregá-la diretamente a Israel, que é um de seus clientes globais.

Enquanto o discurso oficial fala em soberania, enquanto nossa política externa fala em paz, as ações financiam os bolsos dos acionistas estrangeiros e a morte. O petróleo que deveria servir ao nosso povo enche os bolsos em Wall Street e os tanques de guerra israelenses. É preciso parar essa sangria!

## PRODUÇÃO DE PETRÓLEO E GÁS NATURAL, POR CONCESSIONÁRIA



Menor participação da Petrobrás na produção brasileira em décadas.

Fonte: ANP - julho de 2025



## 5. Cercar a Palestina de solidariedade: o papel da classe trabalhadora

Enquanto escrevemos esta cartilha, a maior flotilha humanitária se prepara para romper o cerco a Gaza em meio ao agravamento da crise. Essa flotilha é parte de milhares de iniciativas que se espalharam e se espalham pelo mundo em solidariedade à Palestina, como manifestações, ocupações em universidades, atos culturais, boicotes, greves e bloqueios.

A Global Sumud Flotilha é neste momento a maior missão humanitária desde o início deste genocídio, e tem o objetivo de criar um corredor humanitário urgente para um povo submetido à fome como arma de guerra. É um alívio imenso aos corações e mentes do mundo todo solidários à Palestina. É um sopro de esperança frente a um massacre televisionado que mostra milhares de palestinos mortos, incluindo crianças vitimadas por tiros na cabeça, poetas, médicos, socorristas e jornalistas e toda a estrutura humana da sociedade palestina em Gaza. Recentemente, mais cinco jornalistas foram assassinados, ao que o execrável Netanyahu se referiu como um “incidente trágico” e afirmou que “respeita o jornalismo”. É insuportável assistir tanto cinismo. E a resposta a isso precisa ser também da ação: seja em campanhas de informação, palestras, atos ou piquetes, nós precisamos uns dos outros para cercar a Palestina de solidariedade.

Estamos agora na torcida pela Sumud, que antes de ser flotilha é um termo e conceito essencial na vida cotidiana de palestinos por significar um movimento para a ação, um estilo de vida voltado à resistência em todos os aspectos da vida. Originada ainda na resistência durante o mandato britânico sobre a Palestina, após a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), ganha força como estratégia palestina a partir de 1967, com o sentido de “persistir, permanecer firme”, de resiliência como resistência. Sumud sintetiza o “existir é resistir”.

Mas as flotilhas são apenas algumas das iniciativas globais de solidariedade. O caminho segue sendo organizar em cada escola, em cada bairro, em cada canto desse mundo um comitê, uma aula, um debate, uma caminhada contra esse genocídio e em defesa da Palestina. Temos visto esse movimento de dezenas, centenas e milhares de pessoas se manifestando mundo afora.

Em outubro de 2023, multidões tomaram as ruas em países do Oriente Médio, como Paquistão e Iraque, em repúdio aos bombardeios israelenses. Centenas de atos se seguiram e se espalharam por capitais europeias como Londres e Paris, e por cidades nos Estados Unidos. Ano passado o Brasil e outros países do mundo foram tomados por manifestações de rua, ocupações de universidades e diversas outras ações.



As universidades brasileiras cumpriram um papel importante e se tornaram palco de crescentes manifestações pró-Palestina, especialmente entre 2023 e 2024. O movimento ganhou destaque com um acampamento na Universidade de São Paulo (USP) em maio de 2024 e um protesto na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) em abril de 2023, que impediu uma feira de universidades israelenses. A Universidade Federal do Ceará (UFC) também registrou atos significativos em outubro de 2024. Surgiu uma iniciativa chamada Rede Universitária de Solidariedade ao Povo Palestino. Ocorreram e seguem ocorrendo atos, festivais e diversas iniciativas nas universidades em nosso país.

**Essas muitas iniciativas são parte desse rastro mundial de solidariedade que se criou e se tem em torno da Palestina. E é preciso seguir até a Palestina livre do rio ao mar!**

### **BDS - “Boicote, Desinvestimento e Sanções”**

A sigla BDS significa “Boicote, Desinvestimento e Sanções”. Inspirado na luta anti-apartheid sul-africana, o BDS é um movimento global forte, com sindicatos, acadêmicos e movimentos populares impactando o apoio internacional ao apartheid e ao colonialismo israelense. Foi fundado como um instrumento que, dentre algumas táticas, fragiliza Israel economicamente através de embargos e do boicote a produtos feitos em Israel e a suas instituições culturais e acadêmicas.

Um exemplo recente desse tipo de ação do BDS no Brasil é a tentativa de impedimento da exportação de aço militar para Israel, denunciando seu uso no genocídio em Gaza. A própria pauta para que se proíba o envio de petróleo brasileiro à Israel é parte dessa estratégia de isolar política e economicamente o apartheid israelense. **Acesse o site do BDS:**



**Debata em seu sindicato as campanhas, faça parte dessa ação global contra o apartheid!**

**Lutemos pela ruptura de todas relações comerciais, militares e diplomáticas com Israel!**

### **Bibliografia:**





